

Anexo D – Primeiro Tratamento da Entrevista à Educadora Cooperante

[Formação académica]

[tempo de serviço docente] *Há 29 anos (...) [motivações pela vertente artística] (...) porque gosto muito das artes e porque acredito (...) que através das artes as crianças desenvolvem (...) de forma muito mais harmoniosa. O ensino é muito mais interessante (...) muito mais motivador e estimulante inclusive para nós, educadores (...) A formação académica interfere sempre (...) na nossa vida profissional (...) A minha formação inicial também foi (...) muito ligada às artes, (...) antes da formação (...) já trabalhava as artes (...) nas artes plásticas (...) Tinha sempre o cuidado (...) de ter as tintas no cavalete (...) fiz muitas visitas aos museus e às galerias da cidade, para que as crianças pudessem ver formas e técnicas de pintar (...) muitos anos depois (...) fiz (...) uma especialização de educação artística (...) depois de tirar o tal CESE, comecei a fazer uma abordagem às artes de uma forma diferente (...) com projetos mais elaborados, mais pensados (...) O projeto dos artistas, por exemplo, já é um projeto mais elaborado (...) a nossa vida pessoal, aquilo que somos também (...) vai interferir na parte profissional, ou seja, as nossas vivências (...) a nossa educação, o meio onde nascemos e onde fomos criados, a liberdade que tivemos (...) de experimentar, de mexer, a própria educação que os nossos pais nos deram.*

[convicções pedagógicas]

[Educação pela arte] *(...) é servirmo-nos das artes para passarmos ensinamentos, passarmos cultura. As crianças fazem aprendizagens e desenvolvem-se de uma forma global (...) nelas estão inseridas uma série de aprendizagens (...) Aborda todas as áreas, mas de uma forma muito criativa, mais estimulante, mais motivadora. As artes levam a uma força interior (...) abre a mente das crianças, abre o raciocínio, abre a sua capacidade de ver mais além, faz com que elas fiquem mais observadoras, estimula muito mais o lado crítico (...)*

[integração da arte no processo educativo das crianças]

Sim, considero muito importante (...) as crianças desenvolvem imenso com este trabalho através das artes. [início do processo educativo] (...) Desde bebés! (...) um bebé recém-nascido, porque não pô-lo a ouvir música? (...) uma música suave (...) quando está a ser amamentado, quando estão a mudar a fralda, (...) porque não? Quando o bebé (...) começa a fixar o olhar, porque não contar histórias? Com uma imagem bonita, adequada, com uma imagem grande (...) porque não mostrar uma obra de arte a um bebé? (...) podemos pegar num quadro, figurativo ou não e inventar uma história (...) estamos a estimular a criança à observação, a aprender a olhar para uma obra de arte.

[adequação das propostas pedagógicas aos vários níveis etários]

O tema pode ser igual para todos (...) a forma como vamos explorar (...) vai ser diferente (...) temos que ter em conta a capacidade de atenção e concentração dos vários níveis etários de cada criança. (...) Vamos imaginar que eu estava na sala dos bebés de seis meses e vamos trabalhar (...) um quadro (...) uma figura humana, uma negra (...) eu iria mostrar esse quadro a um bebé, iria fazer com que ele olhasse bem para o quadro dizendo (...) “ Olha uma senhora, olha a cor da senhora!” (...) “olha o que ela tem no pescoço. Tem uns colares bonitos, já viste? Cheios de cores (...) esta seria uma forma de explorar um quadro na sala dos bebés (...) não estou à espera que um bebé me retribua com linguagem, mas ele vai começar a habituar-se a olhar, a observar (...) Numa sala de um ano seria mais ou menos a mesma coisa, só que (...) mais pormenorizado e por aí a fora, até chegar a uma sala de cinco anos. O mesmo quadro seria mais questionado. (...) “ Olhem para este retrato. Vejam lá, o que ela tem na cabeça?” Aí as crianças iriam responder-me, pois já têm capacidade para falar (...) “Então, vamos ver as cores do lenço que a senhora tem. E o que é que ela tem no pescoço? Quem é que me sabe dizer de que são feitos estes colares?” (...) Depois eles iriam desenhar esse mesmo quadro, de forma idêntica e aí iríamos aplicar a técnica do pintor. Esse trabalho é mais minucioso (...)”Vamos ver de que cor são os olhos da senhora do retrato, ver quais são os desenhos que o lenço tem e vamos desenhar os padrões do lenço, quantos colares ela terá no pescoço? Vamos contar os colares para os desenhar. Qual é a forma das missangas: São redondinhas? São quadradinhas? São grandes? São pequeninas? Estão todas juntas, ou tudo separado?” (...) Estamos a falar de uma sala dos cinco anos. Numa sala de quatro anos, seria feito um trabalho idêntico. Numa sala de três, (...) seria feito um trabalho menos minucioso, ou seja (...) um pouco menos exigente.

[articulação com as áreas do currículo]

(...) Aborda todas as áreas, mas de uma forma muito criativa, mais estimulante, mais motivadora (...) As artes trabalham imenso (...) noções matemáticas (...) através da dança (...) estão a vivenciá-las com o seu próprio corpo, nunca mais se vão esquecer destas mesmas noções (...) através da música (...) contar ritmos, (...) brincamos com as partituras (...) começam logo aí a perceber que a leitura se faz da esquerda para a direita (...)

[princípios pedagógicos básicos utilizados na abordagem das artes em contexto prático]

(...) Os princípios básicos são: primeiro é passada toda a informação sobre o artista (...) Depois passamos à parte prática (...) por fim existe uma conclusão final (...) onde (...) se tenta perceber (...) que aprendizagens fizeram (...) [o projeto dos artistas] Este projeto existe há cerca de 15 anos (...) consiste (...) numa escolha criteriosa de um determinado artista plástico, que tem a ver com a técnica que ele utiliza (...) pode ter a ver com os temas das suas próprias obras de arte, pode ter a ver com as cores (...) ou então reunimos as três coisas: as técnicas, as cores e os temas (...) este ano fomos para África (...) então fomos à procura de um artista e encontramos este que era muito interessante, não só pela técnica, mas principalmente pelos temas que apresenta nos seus quadros, e também pelas cores (...) Depois (...) fazemos a pesquisa sobre o seu país (...) a gastronomia, a música, a dança, geografia, os monumentos mais importantes, a fauna, a flora (...) a exploração do país: da sua bandeira, das cidades principais, a sua localização geográfica a nível mundial, (...) a sua fauna e flora (...) primeiro é passada toda a informação sobre o artista, através da expressão dramática (...) porque a expressão dramática tem a tal força de passar a informação de uma forma lúdica e de uma forma simples (...) as crianças conseguem absorver essa informação (...) Depois passamos à parte prática, que se poderá adequar mais à música, à expressão dramática ou à dança, levando as crianças a vivenciar (...) há sempre uma programação, uma planificação e uma execução da atividade, que se faz semanalmente (...) Cada educadora vai aplicar a melhor estratégia ao seu grupo (...) Na dança, por exemplo, estando a trabalhar a Angola, (...) eles veem vídeos sobre música e dança africana então, nas sessões de dança, vão dançar, através da música africana (...) aprendem a tocar alguns instrumentos de

percussão. (...)a parte da plástica, que tem a ver com o próprio artista (...)Para não trabalharmos o mesmo tema em todas as obras, escolhemos vários temas, no sentido de nos dar a oportunidade de falar sobre o que cada quadro nos apresenta, passando informações sobre a representação cultural que se apresenta no quadro (...)o tema da obra (...) que vamos trabalhar é sobre uma tribo, sobre as mulheres mucubais que vivem no sul de Angola e que se enfeitam imenso (...) esta é uma forma de mostrarmos às crianças que existem pessoas que se vestem de maneira diferente, que vivem no mundo de uma forma completamente diferente, que se alimentam de forma diferente, que vivem em casas completamente diferentes das nossas (...) As crianças vão crescendo e percebendo que somos todos iguais mas também somos todos diferentes e temos que respeitar estas diferenças (...) isto acaba por ficar tudo interligado (...) é um trabalho de projeto, onde as peças se vão encaixando umas nas outras (...) A informação sobre o trabalho que vamos fazer também é passada às auxiliares, diária ou semanalmente, para que percebam o que estamos a fazer (...) explicamos (...) o processo, para que elas possam acompanhar esse trabalho.

[acompanhamento das atividades dirigidas no domínio da expressão plástica]

(...) Vou pegar no exemplo prático que se passou hoje. Hoje eles pegaram nos padrões das peles dos animais. Tinham fotografias onde tinham um animal africano (...) e em baixo tinham uma parte dessa pele (...) depois de ter havido (...) uma primeira abordagem ao grande grupo (...) começa-se a trabalhar de uma forma individual com cada criança. Cada um escolheu o seu animal (...) Temos que fazer com que a criança observe bem como é a pele (...) Como a pele da girafa não tem formas regulares, nós temos que passar essa informação para a criança perceber (...) Temos que estimular-la a olhar de uma forma diferente (...) se dermos o desenho e dissermos “Agora vai fazer!” (...) Ela vai fazer bolas (...) Mas se tivermos o cuidado de trabalhar com cada criança e fazer com que ela olhe. “Olha, toma atenção! Olha bem! Estás a ver aqui, a pele dela? Então, eu vou-te ensinar como se faz estas formas irregulares.” E ensina-se a fazer, depois deixa-se que a criança faça. Mas tem que se ensinar, para que ela perceba que há formas diferentes de se fazer as coisas. Portanto, isto faz parte de um processo de aprendizagem (...) fazer com que ela (...) desenvolva a sua capacidade de observação (...) muito importante! (...) ela começa a olhar para as coisas de uma forma diferente, começa a procurar os pormenores (...) A partir daí, algo vai despertar

nela, de certeza absoluta. Os resultados seguintes vão aparecer se uma forma completamente diferente.

Na creche, eles vão fazer a tal observação, mas é claro que os resultados vão ser diferentes (...) o importante é que elas aprendam a olhar (...) Vai-se trabalhar os tons das cores das peles dos animais, vai-se trabalhar a mistura das cores (...) As crianças de um ano vão trabalhar mais com as mãos do que com os pinceis (...)

[avaliação das atividades de expressão plástica]

(...) por exemplo (...) pego em todos os trabalhos (...) vou mostrar a cada um, e peço a opinião deles, para saber o que acham e vou reforçar a forma como foi feito, a importância de se observar e de se ver e depois vou começar a colocar questões (...) aqui é um bocado a sistematização das aprendizagens que fizeram através deste trabalho (...) nas suas pinturas livres, começam a aparecer outro tipo de formas de pintar (...) começam a ter a preocupação de começar a pintar de uma forma mais intencional. Ou arranjam um tema, ou aplicam as cores, ou tentam representar a luz que o artista apresenta no quadro (...) É a tal capacidade que a educadora vai ter que ter, de levar as crianças a observar (...) os pormenores do quadro e a estimular esse lado de observação das crianças (...) é isto que nós fazemos aqui. Eles têm como referência estes pintores, mas depois continuam a ter tintas no cavalete, continuam a ter acesso a folhas grandes, pequenas e médias, continuam a ter acesso aos lápis de cor e às canetas, para poderem fazer as suas próprias obras de arte. No entanto, ficaram a conhecer mais uma técnica de um pintor, com as suas cores e a forma como se pode pintar. Depois, sozinhos, eles encontram a sua forma de expressão, porque eles têm essa liberdade de escolha (...) Existe um período em que eles pintam como o pintor, no decorrer da atividade, mas depois existe o outro período, em que eles têm a sua própria liberdade.

[A educação artística como promotora de aptidões]

Desenvolve as aptidões artísticas, mas atenção! (...) Não é esse o objetivo de se trabalhar através das artes. O objetivo de se trabalhar através das artes é desenvolver a criança, de uma forma global (...)

[o papel da família]

Existem crianças (...) com um gosto e uma sensibilidade para esta área, mas isso também tem a ver com a educação (...) a família também tem um papel importante, de deixar que elas pintem, de promover a música, de dançar com elas. Existem muitas famílias que proporcionam este tipo de atividades, mas também existem outras, onde este trabalho é nulo. (...) As únicas experiências que fazem é aqui, no jardim de infância.

[avaliação geral do projeto e pontos que se destacam]

(...) Todos os anos (...) as crianças fazem (...) a festa dos finalistas (...) Essa festa consiste (...) numa parte de expressão dramática e numa parte de dança (...) as crianças têm capacidade de fazer coreografias para essa mesma festa (...) ao colocar uma música (...) conseguem perceber (...) a estrutura dessa música e (...) criarem coreografias, sozinhas (...) eu penso que não seria possível que isto acontecesse, se elas não tivessem estes anos todos (para trás) de dança, de ouvir muita música (...) foram hábitos que se foram criando, que se foram desenvolvendo dentro delas (...) chegam ao final da sala dos cinco anos e conseguem fazer isto (...) Para mim, este é um dos pontos mais fortes. O outro ponto (...) as produções das crianças são diferentes (...) os seus desenhos e pinturas não seriam diferentes se, também, não houvesse um outro trabalho efetuado anteriormente, isto não aparece num estalar de dedos. Isto é um processo contínuo e longitudinal, que começa numa sala dos bebés e (...) acaba (...) quando as crianças vão para o primeiro ciclo (...) se aparecesse uma professora, no primeiro ciclo, que desse continuidade, seria excelente, se não, vai morrer por aí, o que me dá muita pena. (...) Portanto, eu penso que estes são os pontos fortes a todos os níveis (...) chegarem ao final da sala dos cinco anos e conseguirem fazer (...) nas artes plásticas um trabalho completamente diferente das outras crianças que não tiveram acesso a estes projetos, chegar à parte da dança e fazerem as suas próprias coreografias e os seus próprios movimentos (...) tocarem instrumentos de percussão de uma forma certa e ritmada. (...) vejo estes aspetos como uma avaliação geral e como pontos fortes, ao conseguirem chegar ao final e terem estas capacidades desenvolvidas (...) mostram (...) uma capacidade crítica muito desenvolvida (...) conseguem criticar este ou aquele trabalho de uma forma muito inteligente, com um espírito muito crítico (...)

